

Dhlakama em Lisboa

EXPRESSO, SÁBADO 9 DE NOVEMBRO DE 1991

suscita receios em Moçambique

A VISITA do líder da Renamo a Lisboa está a ser seguida com muita atenção e alguma preocupação em Maputo, onde fontes próximas das negociações de paz disseram ao EXPRESSO que o giro europeu de Afonso Dhlakama poderá atrasar ainda mais a oitava ronda de conversações entre os rebeldes e o Governo moçambicano que decorre actualmente na capital italiana.

O encontro que Dhlakama teve em Genebra com uma delegação do Departamento de Estado norte-americano e as posteriores visitas «privadas» a Lisboa e outras capitais europeias desviaram transitoriamente as atenções do impasse em que caíram as negociações de Roma após a assinatura do protocolo de acordo de princípios de 18 de Outubro. Nas últimas duas semanas, só se realizou uma reunião plenária entre as duas delegações moçambicanas, obrigando os mediadores a um extenuante e pouco frutífero vai-vém entre os hotéis onde estão alojadas as delegações da Renamo e do Governo de Maputo.

A «tournee» europeia de Dhlakama conta com o apoio financeiro dos mediadores italianos e insere-se nas medidas destinadas a criar um ambiente mais favorável às negociações. Com efeito, espera-se que as visitas a várias capitais europeias e os contactos previstos em Roma com mais de uma dezena de diplomatas de todos os continentes contribuam para aumentar a autoconfiança política dos dirigentes da Renamo que discutem a paz, conferindo-lhes maior à-vontade e flexibilidade à mesa das negociações.

No entanto, a importância atribuída pela Renamo à visita do seu líder a Lisboa e às audiências do Presidente Soares e do primeiro-ministro Cavaco Silva provocaram alguma ansiedade em Maputo. Fontes próximas do Governo moçambicano e da mediação italiana suspeitam que a Renamo quer ganhar tempo, criando dificuldades suplementares aos quase exaustos mediadores. Segundo fontes diplomáticas, os italianos teriam pedido informalmente às autoridades portuguesas que usassem «toda a sua influência junto da Renamo» no sentido de acelerar o processo de paz, evitando assim a reedição dos resultados, alegadamente «catastróficos», do encontro de Maio, em Genebra, entre Dhlakama e o secretário de Estado português Durão Barroso.

O embaixador italiano em Moçambique, Di Camerana, reafirmou que o apoio de Portugal pode ser muito útil, salientando, no entanto, que a Renamo ainda não formulou nenhum pedido formal para que seja alterada a composição da actual equipa mediadora.

O medo dos «retornados»

O Governo moçambicano, por seu lado, tem procurado não conferir qualquer dramatismo à visita de Dhlakama a Lisboa, evitando fazer qualquer comentário a este respeito, enquanto Armando Guebuza, chefe dos negociadores governamentais, dizia em Roma que eventuais novas propostas do líder da Renamo deverão ser debatidas à mesa das conversações.

É no entanto evidente a grande desconfiança com que Maputo encara uma eventual transferência da sede das negociações de paz de Roma para Lisboa, que os dirigentes da Frelimo referenciavam no passado como «o quartel-general dos bandidos armados no exterior» e sede dos «lobbies» empresariais que financiam a Renamo.

Agora que a política de privatizações entrou numa fase de execução acelerada, sectores influentes da sociedade moçambicana agitam o espantinho da possível devolução aos portugueses das suas antigas propriedades em Moçambique, o que tornaria mais precária a situação da «nova burguesia» local, que enriqueceu nos últimos anos à custa de expedientes mais ou menos obscuros.

Para neutralizar tais receios, o Presidente Chissano esforça-se por demonstrar que tem óptimas relações com figuras emblemáticas da época colonial, como o financeiro Manuel Bulhosa, antigo proprietário da refinaria de Maputo.

Baltazar Rebelo de Sousa, o mais liberal dos governadores da «primavera marcelista» em Moçambique, teve um inusitado tratamento «vip» durante a visita privada que realizou no mês passado a Maputo, apesar de o seu filho António Rebelo de Sousa ser considerado um dos principais apoios da Renamo em Portugal.

Fernando Lima
em Maputo